

Micro SOCIETY

ENTREVISTA/Rabino Nilton Bonder

As microaventuras do rabi cabalístico

ALEXILDO VAZ

Nilton Bonder ganhou projeção nacional no ano passado com uma obra singular, "A dieta do rabino — a Cabala da comida". Um livro recomendado não só para

quem quer perder uns quilos, como para qualquer pessoa que sofra de algum desequilíbrio na alimentação. Para isso, Bonder apelou aos ensinamentos cabalísticos, que dividem o mundo em planos que devem se manter em harmonia.

Antes de tornar-se rabi, Nilton Bonder,

de 33 anos, estudou engenharia mecânica na PUC-RJ. E demorou a se convencer de que o micro poderia ajudá-lo nas tarefas seria desequilibrá-lo. Tanto que admite ter usado o computador com desconfiança quando escreveu a "Dieta do Rabino".

No momento, ele coordena o projeto

de judaísmo do Instituto de Estudos da Religião (Iser), organiza o Momento Central Ecumênico da Rio-92 e o simpósio Judaísmo e Natureza. Além disso, termina de escrever "A cabala da inveja", e toma conta de sua sinagoga, na Barra. Tudo com a ajuda do micro, graças a Deus.

O GLOBO — Qual o seu computador?

NILTON BONDER — Um 286 de 2Mb, com um winchester de 80Mb, ligado a uma impressora laser, mouse e um monitor colorido padrão VGA.

O GLOBO — Para que o está usando?

NILTON — Para escrever o terceiro livro da minha trilogia iniciada com "A Cabala do dinheiro" e "A Cabala da comida". O título é "A Cabala da inveja".

O GLOBO — Qual a razão de abordar a inveja?

NILTON — No Talmude, está escrito que uma pessoa se faz conhecida pelo copo (comida), pelo bolso (dinheiro) e pela raiva (inveja). São coisas em que se perde o equilíbrio com facilidade. Daí a razão dos temas escolhidos. Um dos princípios da Cabala é que entender e isolar um problema ajuda a resolvê-lo.

O GLOBO — Você escreveu todos os livros no microcomputador?

NILTON — Não. O primeiro livro foi quase todo escrito à mão. Naquela época, eu ainda usava o micro com desconfiança. No segundo, usando o micro só para mim, os arquivos eram uma bagunça. No terceiro, os textos saem direto do meu micro, em disquetes, para o da editora.

O GLOBO — Em que editor de textos?

NILTON — No Word 5.0 para mandar para o editor. O que eu faço não é muito recomendável. Por questões visuais — a estética para mim é importante — escrevo no Ventura. A revisão faço no Word que tem mais recursos de edição.

O GLOBO — Alguma fonte preferida?

NILTON — Dutch.

O GLOBO — O que mais você tem no winchester?

NILTON — Fontware, programa para criar fontes, e jogos: xadrez, simulador de voo e um em que não mexi ainda, o SimCity. Tenho também Windows e CorelDraw, que uso junto com o Ventura para fazer a newsletter da sinagoga. Não consigo usar bancos de dados e agendas, pois não tenho paciência para entrar com os dados.

O GLOBO — Qual o jogo favorito?

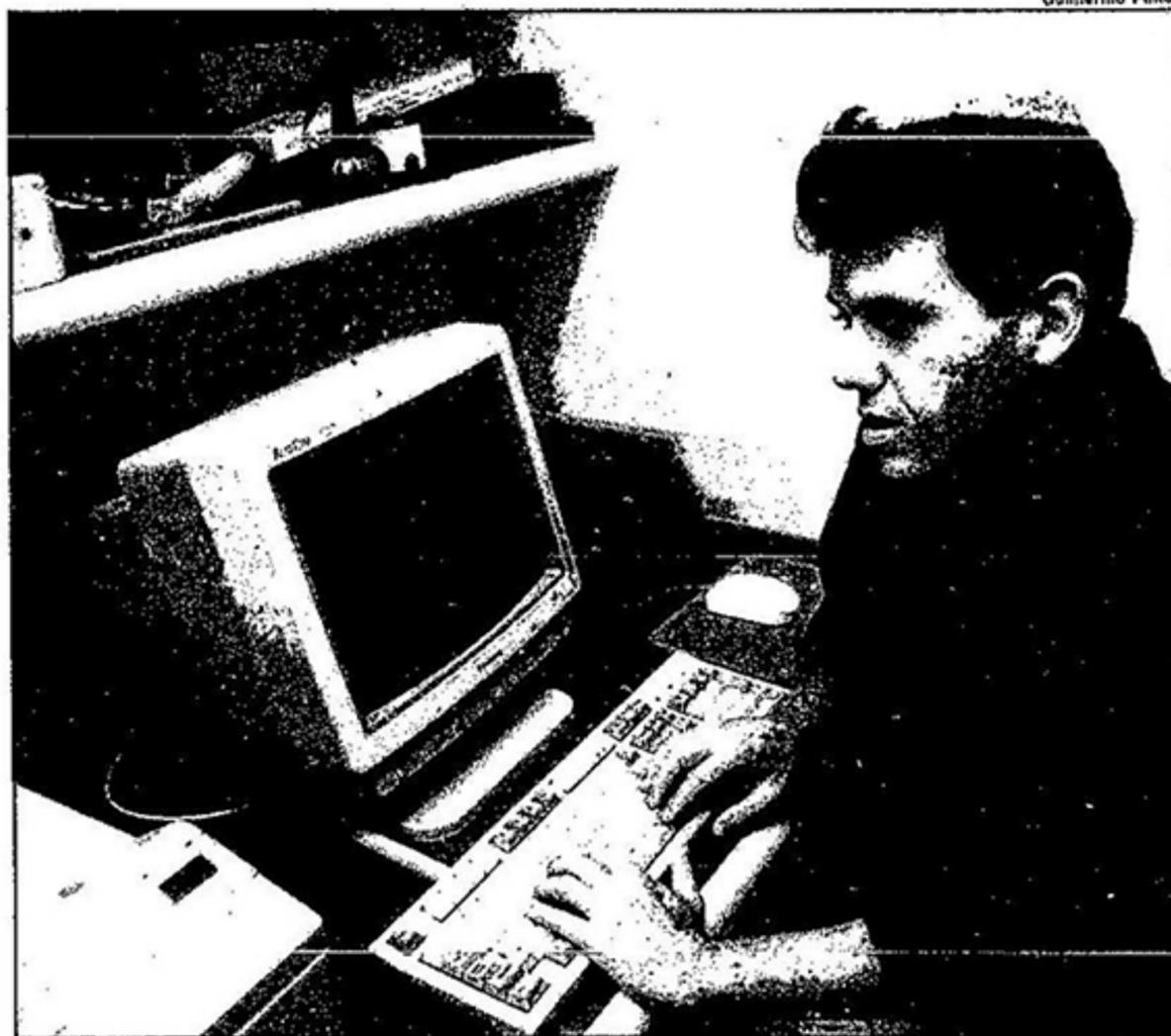
NILTON — O Flight Simulator.

O GLOBO — Falta algo no seu winchester?

NILTON — Um editor de textos (cujo nome não me lembro agora) muito usado nos centros acadêmicos dos Estados Unidos. (N.E. — É o Nota Bene) Ele tem fontes de várias línguas, inclusive hebraico, o que, óbvio, é bastante útil para mim. Já usei outros com hebraico mas a qualidade de impressão era pobre ou o programa era difícil de usar.

O GLOBO — Já teve problemas com micros?

NILTON — Sim, com o anterior, um laptop 286 da Mitsubishi. Ouvia mil recomendações que nunca segui até o dia em aconteceu algo. Eu usava o Ventura e perdi todos os arquivos. Por um problema de instalação, depois de atingir uma certa massa de textos, todos foram para o espaço quando os salvei. Eram semanas de trabalho perdido. Recorri a uma "fera" da IBM que conseguiu resgatar, aos pedaços, 80% do que havia escrito. Hoje gravo no winchester já com um dis-



“Em casa, vários eletrodomésticos funcionam como antidepressivos: a televisão, a geladeira e o micro. Por isso devem ser usados com muita parcimônia”

quete no drive para fazer o backup. É parte do meu processo de saída.

O GLOBO — Algum cuidado

especial com o micro?

NILTON — Como qualquer máquina, deve-se tomar alguns cuidados. A confiança na máquina

te induz à preguiça. O computador é um pouco parecido com a comida. Em casa, vários eletrodomésticos funcionam como antidepressivos: a televisão, a ge-

ladeira e o micro. Por isso, ele deve ser usado com parcimônia. Deve-se saber o limite entre se distrair e fazer algo útil com o tempo.

O GLOBO — Há algum papel para o micro no estudo da Cabala?

NILTON — A Cabala tem metáforas e formas figurativas para falar sobre as coisas. Na virada do século, perguntaram a um rabino sobre as grandes invenções e ele disse que todas as máquinas têm algo a ensinar. “O trem ensina que, em um segundo, pode-se perder tudo. O telegrafo ensina que tudo que você conta é cobrado. O telefone ensina que o que se fala aqui se ouve lá”. Não arriscaria uma frase de efeito como estas sobre o micro, mas acredito que o ensinamento dele tem a ver com a administração do tempo.

O GLOBO — O micro mudou o seu jeito de escrever?

NILTON — O computador permite escrever com mais liberdade. No papel, há um pudor estético. Dá trabalho reescrever um texto bagunçado.

O GLOBO — O computador é ecológico?

NILTON — Nos Estados Unidos, se fala muito de responsabilidade ecológica em relação ao fax e às impressoras. A facilidade destes recursos aumentou muito o consumo de tinta e papel. A recomendação é que só se deve imprimir depois de revisar na tela. O fax, por exemplo, multiplicou o gasto de papel. Antes se fazia uma cópia de um documento, hoje cada cópia vai com um coversheet, sem falar nas cópias que chegam borradas e têm de ser enviadas de novo. Usado com responsabilidade, o computador é ecológico.